

Pesquisando os arquivos latino- americanos: uma meta-reflexão do processo de pesquisa e da Virada Arquivística nos estudos literários

Researching Latin American
archives: a meta-reflection on
the research process and the
Archival Turn in literary studies

Thayse Leal Lima
Universidade de Maryland

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e85830>

Abstract

This article contributes to the Archival Turn in literary studies with a meta-analysis of the research process that resulted in the book *Latino-Americanizando o Brasil: Literary criticism and transnational dialogue*. Developed in archives located in Montevideo, Caracas, São Paulo, and Princeton, the research process allowed me to retrace the exchange routes between Brazilians and Hispanic American authors dedicated to a greater approximation of their countries' cultural and intellectual production. Using a self-reflective and analytical approach, I trace the development of my research, highlighting the questions that led me to the investigation of primary materials, the methodology I employed, and the configuration of the archives I researched. Based on this analysis, I explore some of the implications, possibilities, and limits of archival work in literary and cultural studies.

Palavras-chave: Arquivos; América Latina; Virada Arquivística

Resumo

Este artigo busca contribuir com a Virada Arquivística no terreno dos estudos literários a partir de uma meta-análise do processo de pesquisa levado à cabo para a elaboração do livro *Latino-americanizando o Brasil: A crítica literária e o diálogo transnacional*. Desenvolvida em arquivos localizados em Montevideo, Caracas, São Paulo e Princeton, a investigação para o livro permitiu-me retratar as rotas de intercâmbio entre brasileiros e hispano-americanos dedicados à uma maior aproximação entre a produção cultural e intelectual dos seus países. Utilizando uma abordagem auto reflexiva e analítica, procuro traçar um histórico de minha pesquisa, sublinhando as perguntas que me levaram à busca por materiais primários, a metodologia de trabalho empregada e a configuração dos arquivos investigados. A partir dessas reflexões fíncadas na experiência concreta da pesquisa, busco, então, explorar alguns dos sentidos, limites e possibilidades dos arquivos no campo dos estudos literários e culturais.

Keywords: Archives; Latin America; Archival Turn

Introdução

A prática da pesquisa em arquivos no campo dos estudos literários não é algo totalmente novo. Na década de 1970, a Crítica Genética ascendeu o interesse em fontes empíricas para o estudo dos processos de construção textual e da escrita gerando uma corrida aos arquivos. Entretanto, só recentemente a pesquisa em arquivos literários expandiu-se em números e em importância, popularizando-se como metodologia de investigação e tomando status de uma prática fundamental sobretudo para abordagens investidas nas relações entre o texto e seu contexto. Teorias emergentes no final do século XX, como a Teoria Pós-Colonial e a Literatura Mundial, que buscam compreender o modo como fatores culturais, políticos e institucionais determinam a produção, publicação e disseminação de textos, certamente estimularam o ressurgimento contemporâneo de um “furor de arquivo”, para usar uma expressão cunhada por Suely Rolnik¹. No Brasil, a virada arquivística, também se explica, tanto pela criação de novos acervos de escritores por instituições públicas e privadas² (algumas das quais disponibilizam parte de sua coleção em formato digital), quanto pela publicação de correspondências de escritores e críticos.³ Ao democratizar o acesso aos documentos, essas instituições deram novo impulso à pesquisa de fontes primárias, muitas das quais encontravam-se até então inacessíveis em coleções particulares ou restritas aos pesquisadores que contassem com a disponibilidade de recursos para deslocamento e permissão para trabalhar com acervos de limitado acesso.

A importância que o arquivo vem assumindo no debate acadêmico também está intrinsecamente associada à centralidade do espaço virtual no mundo contemporâneo possibilitado pela ampliação do acesso à internet. Com a internet, o arquivo tornou-se ubíquo: todos os registros contidos no espaço virtual podem ser considerados como arquivos, o que implica, por outro lado, uma pulverização do termo. Isto é, o aumento vertiginoso do registro e disponibilização constantes de documentos tem tanto o efeito de facilitar o trabalho de pesquisa, quanto de diluir a ideia de arquivo, tornando-o cada vez mais elusivo e de difícil definição. Num universo em que arquivos estão em constante formação e em que tudo pode ser considerado material arquivístico, como delimitar o arquivo?

1 ROLNIK, Suely. “Furor de Arquivo”, 2009.

2 Alguns exemplos são a criação do Acervo dos Escritores Mineiros na UFMG, em 1989, a Casa das Rosas criada em São Paulo, em 2004, e que abriga parte do acervo do poeta e escritor Haroldo de Campos. Outro arquivo que tem crescido em importância é o acervo literário do Instituto Moreira Salles, que abriga documentos de escritores como Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade e Otto Lara Resende e disponibiliza parte do acervo em formato digital.

3 Um exemplo de um livro importante para a documentação das relações latino-americanas, tema tratado neste artigo, foi a publicação do livro *Diálogos latino-americanos: Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*, 2019.

Essa ubiquidade gerada pelo ambiente digital veio a somar-se a uma tendência anterior, referente à multiplicação e ao deslocamento do sentido de arquivo enquanto paradigma conceitual, hermenêutico e simbólico. Derrida, foi talvez um dos primeiros a chamar atenção para essa tendência em seu ensaio “Mal de Arquivo”, no qual expressa que: “Nada é menos confiável, nada é menos claro hoje do que a palavra ‘arquivo’”⁴. Para Marlene Manoff, que fala desde a perspectiva da Ciência da Informação, a proliferação de sentidos sofrida pelo termo transformou-o num “significante frouxo associado a uma série de conceitos díspares”.⁵ A autora cita como exemplo a formação de novos paradigmas teóricos, tais como o de arquivo pós-colonial, arquivo imperial, poética do arquivo, arquivo social, arquivo popular, etc. Em sua opinião, essas concepções diriam mais dos campos de conhecimento que os produziram do que dos arquivos propriamente ditos, uma vez que servem sobretudo como modos de estabelecer a especificidade de certas disciplinas e de seus objetos de estudo.

Por outro lado, essa diluição de sentidos, indicada por teóricos tão distantes como Derrida e Manoff, aponta também para uma flexibilização conceitual, cujo reflexo maior talvez seja o crescente interesse que tanto o trabalho em arquivos quanto o arquivo enquanto paradigma de análise vem atraindo das mais diversas disciplinas. No terreno dos estudos literários, a popularização da pesquisa em arquivos leva à necessidade de uma reconsideração dos métodos de análise que empregamos na abordagem crítica do texto documental. Isso porque, em sua especificidade de material histórico, o documento apresenta uma série de questões e desafios para o nosso campo disciplinar tradicionalmente voltado para a ficção. Algumas das perguntas que se impõem incluem: o que fazer com os arquivos literários? Como eles podem contribuir para ampliar nossa compreensão da literatura? E, de outro modo, o que os estudos literários têm a dizer sobre o arquivo? Em outras palavras, há uma necessidade de interrogação metacrítica do próprio arquivo que o tome não apenas como fonte de informação, mas também como objeto de análise. Esse tipo de abordagem reflete uma mudança na forma como os arquivos vêm sendo abordados, utilizados e compreendidos, como aponta Terry Cook:

O foco do discurso teórico sobre os arquivos está passando do produto ao processo, da estrutura à função, do arquivo ao arquivamento, do documento ao contexto de documentação, do sentido de resíduo natural ou

4 “Nothing is less reliable; nothing is less clear today than the word ‘archive’ “. DERRIDA, Jacques. *Archive Fever: A Freudian impression*, 1996, p. 90.

5 “The term ‘archive’ has become a kind of loose signifier for a disparate set of concepts”. MANOFF, Marlene. “Theories of the Archive from Across the Disciplines”, 2004, p. 10.

subproduto passivo da atividade administrativa ao de “arquivamento” da memória social conscientemente construído e ativamente mediado.⁶

Essa mudança de paradigma, na opinião de Cook, exige que os arquivistas (e, podemos afirmar, também pesquisadores) deixem de ser entendidos como “guardiães”, ou intérpretes, passivos da memória documental e se tornem conscientes de seu papel ativo na constituição da “memória coletiva”.⁷ Nesse sentido, o caminho para um engajamento lúcido com os arquivos passa necessariamente por uma meta-reflexão que reconheça a participação do investigador também como sujeito construtor dos sentidos possíveis das histórias contidas nos arquivos.

Lisa Stead, no livro *The boundaries of literary archives*, define um dos modos pelos quais esse engajamento pode se dar. Segundo a autora: “a história do que fazemos no arquivo – físico ou virtual – deve ser posicionada junto (e em diálogo com) as conclusões, revelações e formulações que tiramos do arquivo”⁸. Isso porque ao contrário do que comumente se assume, os arquivos “não são depósitos passivos de materiais antigos, mas lugares ativos onde o poder social é negociado, contestado, confirmado”⁹. O mesmo pode ser dito dos pesquisadores, os quais estão longe de representar uma perspectiva passiva ou neutra diante do objeto estudado: trazemos para os arquivos nossas premissas, perguntas e agendas investigativas que, por sua vez, contribuem para moldá-los. Se por um lado, através de sua composição, seleção, organização e acessibilidade os arquivos determinam, até certo ponto, os limites do que se pode extrair deles, por outro, como pesquisadores, entramos num complexo processo de coprodução da memória através do trabalho de interpretação, decodificação e promoção dos nossos “achados”. Em outras palavras, não somente nos servimos dos arquivos, como servimos aos arquivos através das narrativas que produzimos. Nesse sentido, a autorreflexão tem o potencial de recalibrar nossas próprias expectativas e iluminar nossas formas de participação no processo de montagem arquivística.

6 “Archival theoretical discourse is shifting from product to process, from structure to function, from archives to archiving, from the record to the recording context, from the “natural” residue or passive by-product of administrative activity to the consciously constructed and actively mediated “archivalisation” of social memory”. COOK, Terry. “Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts”, 2001, p. 4.

7 Ibidem, p. 4.

8 STEAD, Lisa. *The Boundaries of the Literary Archive: Reclamation and Representation*. Routledge, 2016, p. 1. “The story of what we do in the archive – physical or virtual – must be positioned alongside (and in dialogue with) the conclusion, revelations, and formulations we take out of the archive”.

9 “Archives are not passive storehouses of old stuff, but active sites where social power is negotiated, contested, confirmed”. COOK, Terry; SCHWARTZ, Joan M.. “Archives, Records, and Power: From (Postmodern) Theory to (Archival) Performance”, 2002, p. 172.

Entretanto, apesar do desenvolvimento de uma autodesconfiança crítica por parte das disciplinas que dependem do arquivo como fonte de dados, resta ainda, como nota Alice Yaeger Kaplan, uma contradição no fato de que, enquanto a narrativa de histórias pessoais e privadas informa quase todo trabalho em arquivos, “o discurso acadêmico convencional exige que os resultados de pesquisa contem a história do que foi encontrado, mas não de como foi encontrado”¹⁰. A observação de Kaplan continua sendo válida quase três décadas mais tarde se levamos em consideração o campo de estudos literários e sua relação com a prática de análise meta, ou auto reflexiva. Contrariamente ao que ocorreu em outras disciplinas, como as Ciências Sociais e, principalmente, a Etnografia (mais especificamente a auto etnografia e a etnografia crítica), a investigação auto reflexiva, infelizmente, não se tornou uma prática comum nos estudos literários. Nem mesmo o uso da primeira pessoa é comum na nossa área de pesquisa, a despeito do fato de a própria teoria crítica (principalmente a de extração pós-estruturalista) haver questionado tanto a ideia do conhecimento como algo desarticulado das subjetividades e dos contextos que o produzem, quanto a noção de pesquisa científica imparcial, objetiva e distanciada dos seus objetos de prospecção.

Assim mesmo, nos últimos anos, a crítica literária no Brasil tem adotado aqui e ali, formas de meta-reflexão com relação (principalmente, e talvez, unicamente) à pesquisa arquivística.¹¹ Os motivos do tímido florescimento dessa abordagem especificamente nesse nicho das humanidades são múltiplos. É possível especular que o paradoxo entre a carga de materialidade e subjetividade própria dos acervos, o confronto com as subjetividades por trás dos textos e, quem sabe, o impulso afetivo que informa o trabalho em arquivos (refletido nos diversos termos aventados para descrevê-lo, tais como mal, furor, impulso, paixão de arquivo) tenham estimulado a meta-reflexão sobre nossas incursões nos mesmos. Essa forma de aproximação é produtiva na medida em que traz à tona as formas de mediação que incidem em nossas leituras dos arquivos, bem como as fronteiras, lacunas, exclusões e campos de força (institucionais, ideológicos e intelectuais) que estruturam a própria construção dos mesmos.

Diante do atual cenário de “Virada Arquivística”, este artigo busca contribuir desde o terreno específico dos estudos literários com uma meta-análise do processo

10 “Conventional Academic discourse requires that the you write up the results of your archival work, you tell a story about what you found, but not about how you found it”. KAPLAN, Alice Yaeger. “Working in the Archives”, 1990, p. 103.

11 Alguns exemplos são os livros: *Modos de Arquivo: Literatura, Crítica e Cultura*, 2018, organizado por Haidée Ribeiro Coelho e Elisa Amorin Vieira; *Arquivos Literários: teorias, histórias, desafios*, 2015, de Reinaldo Marques; *Margens Teóricas: memórias e acervos literários*, 2010, organizado por Roberto Said e Sandra Nunes.

de pesquisa levado à cabo para a elaboração do livro, *Latino-americanizando o Brasil: A crítica literária e o diálogo transnacional*. Utilizando uma abordagem auto reflexiva e analítica, procuro traçar um delimitado histórico de investigação, sublinhando as perguntas que me levaram à busca por materiais primários, a metodologia de trabalho empregada e a configuração dos arquivos que pesquisei. A partir dessas reflexões fincadas na experiência concreta da pesquisa, busco, então, explorar alguns dos sentidos, limites e possibilidades dos arquivos no campo dos estudos literários e culturais.

Os inícios de uma pesquisa

Entre 2012 e 2018 eu visitei uma série de arquivos na América Latina e nos Estados Unidos em busca de elementos que documentassem os intercâmbios e diálogos entre intelectuais brasileiros e hispano-americanos. O tópico de investigação, a América Latina, também tinha conexões mais subjetivas com o contexto acadêmico e cultural norte-americano onde me encontrava naquele momento. Nesse espaço, eu vim a ganhar (a princípio, à minha revelia) uma nova identidade: a de estudante latino-americana. Como se sabe, esse modo de auto identificar-se não encontra a mesma adesão entre brasileiros, quanto entre os povos da América Hispânica. De um modo geral, não construímos historicamente essa noção de pertencimento a uma cultura latino-americana, sequer temos conhecimento sólido (fora dos setores acadêmicos) dos paralelos e convergências políticas e sociais que historicamente compartilhamos com os países vizinhos.¹² Juntamente à descoberta da “latinedad” nos Estados Unidos, a visão distanciada (de fora e de longe do lugar de origem) abriu-me a possibilidade de uma reorientação perspectiva sobre as construções identitárias que historicamente possibilitavam e impediam uma identidade transnacional. No contexto americano eu me vi forçada (ou antes estimulada) a confrontar a questão sobre o lugar do Brasil na América Latina e, em contrapartida, o lugar da América Latina no imaginário cultural/intelectual brasileiro. Como especialista em estudos literários e culturais me interessava sobretudo o modo como essas questões haviam sido articuladas no campo da produção intelectual e especificamente crítica.

Quando embarquei nessa investigação, minha única experiência anterior em arquivos tinha sido durante a graduação, nos idos de 2002, quando participei de um projeto de Iniciação Científica sobre a recepção do escritor Guimarães Rosa nos

12 Partindo de levantamento bibliográfico e uma análise da produção didática e curricular para o Ensino Médio no Brasil, Anna Luiza Portugal Pereira Gomes nota que a América Latina aparece como um apêndice à história da Modernidade. Para a autora, a disciplina da história e seu ensino na escola ainda se prende à uma concepção eurocêntrica da história mundial. GOMES, Anna Luiza Portugal Pereira, “O ensino de história da América Latina – Silêncio nos Currículos e Manuais”, 2020.

Estados Unidos. Aquela incursão inicial havia me dado uma dimensão dos prazeres e das dificuldades da pesquisa arquivística, especialmente, no tocante à acessibilidade, dado que grande parte dos documentos que eu necessitava se encontravam fora do país e só foram alcançados com a ajuda de colaboradores que se encontravam no exterior e dispostos a dividir seus arquivos. Mais que tudo, essa pesquisa também aguçou minha curiosidade sobre questões extratextuais relacionadas às formas de circulação, recepção e interpretação de textos literários fora de seu contexto original de produção. Durante o doutorado, esse interesse tomou novas formas. Passei a me interessar pelos diálogos diretos ou indiretos entre o campo literário brasileiro e outras tradições culturais, especialmente, sobre o modo como essas relações reverberaram na constituição (ou na desconstrução) de determinada percepção de mundo e de nação. Partindo dos debates contemporâneos no campo da literatura mundial e dos estudos pós-coloniais sobre a predominância de relações assimétricas de troca no campo literário internacional, comecei a repensar alguns dos pontos exaustivamente debatidos pela produção crítica brasileira do século XX: a preocupação com o problema de fontes e influências, com a dependência das letras nacionais em uma matriz europeia, a questão da autonomia e da universalidade da literatura nacional, etc. Os debates acerca das trocas culturais no Brasil haviam se concentrado sobretudo nas relações do país com os centros mundiais. Diante disso, me parecia flagrante a necessidade de uma perspectiva que, orientada ao mundo, se voltasse também para as múltiplas interseções compartilhadas com as literaturas fora do eixo Europa e América do Norte. Eu queria entender como outras tradições literárias, além das europeias, haviam entrado na composição do imaginário crítico brasileiro. Dada a proximidade geográfica, as afinidades culturais, sociais e políticas (e, claro, literárias) entre o Brasil e os países da América Hispânica, a opção por uma pesquisa centrada na América Latina pareceu-me óbvia.

Minha proposta inicial era investigar, entre outras coisas, quais fatores haviam estimulado críticos e autores brasileiros a se voltarem para o repertório literário dos países vizinhos e vice-versa. Dentre as questões iniciais levantadas estavam: dado os enormes pontos de contato entre o Brasil e os países da América Hispânica (talvez mais óbvios no campo histórico, econômico e social), como a relação entre as duas tradições literário-linguísticas foram pensadas? Como os críticos brasileiros e hispano-americanos imaginaram o lugar da produção ficcional do Brasil em relação à literatura latino-americana, a qual tomaria, a partir do *boom* literário internacional da década de 1960, um crescente status internacional? E, finalmente, como essa aproximação transformava ou não a forma de pensar a literatura brasileira em face à literatura mundial (entendida aqui como um repertório de obras internacionais)? Essas perguntas naturalmente me levaram a buscar os arquivos como uma das fontes e ferramentas de investigação.

Minha pesquisa se desenvolveu tanto em arquivos institucionais quanto privados onde eu buscava subsídios que expandissem o conhecimento acerca da rede de relações entre críticos literários latino-americanos entre as décadas de 1960 e 1980. No acervo da Princeton University, tive acesso à correspondência do crítico literário Emir Rodriguez Monegal com intelectuais, fundações culturais, institutos de pesquisa internacionais, e também à sua correspondência com uma vasta gama de escritores, críticos, tradutores e editores em todo o mundo. Com largo acesso às instituições de pesquisa, culturais e acadêmicas internacionais (tendo sido professor da Princeton) e tendo um grande poder de influência no campo literário, Monegal colocou sua autoridade a serviço da divulgação da literatura latino-americana no exterior, ficando conhecido como um dos principais críticos associados ao *Boom*. Dentre seus vários projetos estão a fundação da revista *Mundo Nuevo*, que projetou a obra dos escritores latino-americanos numa escala mundial. Seu prestígio enquanto crítico e especialista latino-americano, o colocou numa posição de *gatekeeper*, atuando na seleção do que era traduzido e publicado no exterior.

Em São Paulo, eu pesquisei o arquivo de Haroldo de Campos, sediado na Casa das Rosas, que abriga, entre outros materiais, o acervo de livros do escritor. Haroldo, que como se sabe, manteve um diálogo ativo com escritores de diversas partes do mundo, também trocou correspondências com intelectuais, instituições e universidades latino-americanas. Suas relações de troca com os escritores Octávio Paz e Severo Sarduy, por exemplo, talvez sejam das mais significativas nesse contexto, dado as influências mútuas que gerou. Outro arquivo importante para minha pesquisa foi o da Fundação Biblioteca Ayacucho, sediada em Caracas. A fundação foi criada com a ajuda de Rama na década de 1970 com o objetivo de publicar uma coleção de livros reunindo os principais títulos da tradição intelectual e literária latino-americana. Nos arquivos da Ayacucho, pude examinar a correspondência entre editores, tradutores, autores e colaboradores, o que me permitiu acompanhar o processo de seleção, tradução e divulgação da tradição brasileira pela coleção. No Uruguai, também tive acesso tanto aos documentos do crítico Ángel Rama, que se encontram na casa de sua família, em Montevideo, quanto a parte do acervo de livros que ele havia doado para a biblioteca da Universidad de La República. No arquivo da família Rama, pude acessar a prolífica correspondência do crítico uruguaio com diversos intelectuais da América Latina, bem como com instituições públicas no exterior. Essas cartas (parte das quais já se encontram publicadas) registravam seus esforços em articular uma rede

transnacional de intercâmbio intelectual e de envolver estudiosos brasileiros, dentre os quais Antonio Candido, de quem se tornou bastante próximo¹³.

Minha metodologia de trabalho aliou a pesquisa em arquivos com a análise de obras individuais e coletivas publicadas pelos autores citados. Essas leituras me permitiram avaliar o impacto que os diálogos e intercâmbios registrados nos arquivos tiveram na produção dos intelectuais que estudei. Portanto, nos arquivos, eu procurava o registro da infraestrutura institucional e dos esforços pessoais que possibilitaram a organização de redes intelectuais entre o Brasil e a América Hispânica. Já nas coletâneas, antologias, traduções e artigos busquei ver as reverberações dessa infraestrutura de trocas no campo intelectual. Desse modo, o arquivo foi utilizado em minha pesquisa num sentido tradicional de fonte material e empírica e tomado no sentido literal de repositório de documentos e registros históricos. A partir desse material eu buscava retrazar uma práxis intelectual fincada no diálogo e no intercâmbio. Em termos disciplinares, minha pesquisa se instalava entre a história das ideias e os estudos literários empregando métodos de ambas disciplinas, como a investigação e avaliação de documentos históricos, bem como o *close reading* e a análise crítica comumente empregados na minha área de estudos.

Com efeito, por sua própria natureza difusa e polissêmica, o arquivo elude fronteiras disciplinares desvelando o caráter artificial das mesmas, abrindo possibilidades para a migração de conceitos, abordagens e, conseqüentemente, para novas interpretações. Entretanto, essa expansão de fronteiras hermenêuticas convive e contrasta com as restrições impostas pela própria seleção e composição dos arquivos. Como Foucault argumentou em *Arqueologia do Saber*:

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfuem segundo regularidades específicas¹⁴.

Em outras palavras, os arquivos não simplesmente coletam e alojam um determinado corpus de modo aleatório, mas lhe dão forma, regularidade e autoridade.

13 Ver: ROCCA, Pablo (org.). *Conversa cortada: a correspondência entre Antonio Candido e Ángel Rama: o esboço de um projecto latino-americano (1960 - 1983)*. São Paulo: Edusp, 2018.

14 FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*, 2008, p. 147.

Tal ocorre sobretudo pelo fato de o processo de curadoria envolver seleções e exclusões, organização e classificação de informações. Reinaldo Marques, que dirigiu o acervo de escritores mineiros da UFMG, observa que: “Longe de ser mero processo de identificação de valor histórico ou cultural, a avaliação de um arquivo é uma operação por meio da qual se criam ou se destroem valores”.¹⁵ Nesse sentido, de acordo com Marques, a mera decisão de incluir determinado documento em uma coleção confere ao mesmo valor e sentido. Assim, ao ser concebido a partir de uma estrutura montada em torno a inclusões, exclusões e modos de organização, o arquivo também concebe as formas potenciais de armar o material nele coletado, estabelecendo, assim, as fronteiras entre o que pode ser ou não ser dito.

Organização, Localização e Interpretação

Como apontou Kathy Ferguson¹⁶, informada por Derrida, ao aplicarem uma ordem, um sistema de classificação aos seus materiais, os arquivos implicitamente nos convidam a respeitar essa ordenação. Na maioria dos arquivos que pesquisei, o sistema de catalogação impunha uma lógica biográfica: eles estavam organizados como os documentos da família Rama, os papéis de Rodriguez Monegal, o acervo de Haroldo de Campos¹⁷. Tal enquadramento em torno de figuras individuais impunha, a princípio, uma lógica da singularidade, dos projetos pessoais e, ao final, poderiam gerar a impressão de um caráter aleatório das relações de troca entre os intelectuais latino-americanos. Ainda que a importância dos críticos estudados fosse válida e vital para o tema e para a própria existência desses arquivos, a preponderância do enquadramento personalista se impunha a outros elementos relevantes como o contexto político e ideológico, o caráter coletivo e relacional e, sobretudo, o acento latino-americanista dos diálogos que eles registravam.

Apesar da abundância de registros sobre os esforços em se forjar redes intelectuais na região, a ordenação prevalente na maioria desses arquivos convidava uma leitura centrada em projetos intelectuais individuais de cada autor. Ao mesmo tempo, essa estrutura tornava mais difícil perceber as instâncias de mediação geopolítica mais amplas, em que os autores enfocados por cada arquivo entravam em uma complexa rede de associações com outros intelectuais, instituições, governos, agências de fomento internacionais. Entretanto, ao cotejar esses arquivos, consegui perceber que

15 MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*, 2015, p. 24.

16 FERGUSON, Kathy E. “Theorizing Shiny Things: Archival Labors”, 1998.

17 O acervo da Biblioteca Ayacucho era um dos únicos que não se baseavam em uma ordenação em torno de figuras individuais. Sua organização centrava-se nas edições publicadas pela fundação, de modo que cada tomo da coleção correspondia a uma entrada no arquivo.

mais do que oferecer um pano de fundo, as redes institucionais e intelectuais forjadas por esses intelectuais foram determinantes para os projetos de integração latino-americana que eles buscavam levar à cabo. O colossal projeto editorial da Ayacucho em publicar autores representativos de cada país da região, por exemplo, desenvolveu-se graças à organização de redes de trabalho que contaram com a participação de diversas instituições e intelectuais. De modo semelhante, a revista *Mundo Nuevo* dependeu de um enorme círculo de colaboradores locais para cobrir a produção literária dos vários países latino-americanos. O envolvimento desses autores (um dado na periferia dos arquivos pesquisados) em projetos de caráter coletivo, agregador e transnacional, ao final, assegurou um espaço para a literatura brasileira no debate latino-americano. Ao mesmo tempo, por exemplo, as trocas entre Antonio Candido e Ángel Rama influíram na formulação de conceitos-chave, como transregionalismo e transculturação, através dos quais formas de mediação cultural transnacionais iriam ser definidas.

Mas a importância do contexto afirmava-se também de modo exterior aos próprios arquivos e seus sistemas de classificação. Nesse caso, o próprio lugar onde os arquivos estavam alojados diziam algo de sua formação e sentido. A dispersão em países distintos, alguns dos quais fora da própria região em foco, oferecia uma janela para o contexto geopolítico em que as relações entre os latino-americanos se desenvolveram, revelando algo do modo como esse contexto determinou cada um dos projetos. Tornava-se claro, por exemplo, que questões políticas regionais haviam influenciado os projetos estudados e, posteriormente, a formação dos arquivos. A Biblioteca Ayacucho, para citar um dos casos, tem uma história ligada tanto à erosão democrática na América do Sul quanto à disputa pelo papel de liderança na região. Rama ajudou a erguer a Ayacucho quando se encontrava em exílio na Venezuela, impedido de retornar ao Uruguai após o súbito golpe militar que inaugurou uma era de perseguição e censura política e intelectual. Como pensador de esquerda, engajado, que nutria simpatias e conexões com Cuba, Rama se viu obrigado a estabelecer residência em Caracas e continuar seus esforços de integração regional a partir de lá. Nesse contexto seu envolvimento com o projeto da Ayacucho era uma opção óbvia. Guiada por Rama, a instituição surgia como uma possibilidade de resposta, um estímulo à solidariedade continental num momento em que a região mergulhava na escuridão imposta pelo nacionalismo de ditaduras conservadoras. Mas o contexto político que encontrou na Venezuela também foi crucial para o desenvolvimento de seu projeto transnacional. O governo Venezuelano, que na época vivia um *boom* econômico custeado pelo petróleo, estava apoiando a criação de diversas instituições culturais voltadas para a integração regional, dentre elas a Fundação Ayacucho. Como um dos poucos países a sobreviver a onda de golpes autoritários na região e com um dos maiores PIBs da América Latina, a Venezuela se encontrava numa posição estratégica para assumir a liderança regional e

buscava fazê-lo assumindo uma postura diplomática de *soft power*, através do incentivo à uma maior unidade cultural latino-americana.

O contexto político de incentivo governamental a um ideário latino-americanista, dentro de uma disputa por liderar os rumos da região, não se restringiam à Venezuela. Para citar um outro exemplo relevante, a missão de promover solidariedade intelectual entre os países da América Latina também foi um aspecto central na criação da Casa de Las Américas, em Cuba. Criada para servir de braço cultural da Revolução, dedicada a envolver os intelectuais de esquerda latino-americanos no processo revolucionário, a Casa de Las Americas, dirigida por Roberto Fernandez Retamar, foi uma das mais importantes catalizadoras do ideário da integração cultural regional. Através de suas publicações (especialmente da *Revista Casa*), congressos, prêmios e reuniões, a Casa de Las Américas foi uma das instituições que mais estimularam (e continuam estimulando) as redes latino-americanas.¹⁸Portanto, a criação da Ayacucho, da Casa de Las Americas e de outras tantas instituições culturais que surgiram na época, apontavam para o contexto cultural, político e intelectual mais amplo em que ocorriam os casos de trocas e diálogos que eu examinava.

Outro aspecto importante que a localização dos arquivos revelava era que, apesar da ênfase latino-americanista de cada um dos projetos individuais e coletivos analisados, essas redes intelectuais conformavam em sua maioria uma articulação triangular, que passava também pela esfera de influência dos Estados Unidos. Vários, se não todos os intelectuais envolvidos nessas redes contaram, em algum momento, com o apoio financeiro, logístico ou mediador de instituições norte-americanas. Tal articulação demonstrava que o contexto histórico relevante aqui não era somente regional, latino-americano, mas também o contexto internacional (e mundial) da Guerra Fria, no qual a região estava de diversas formas inserida. Como se sabe, buscando conter a influência soviética no mundo, os Estados Unidos embarcaram em uma guerra cultural com a antiga União Soviética. Num esforço de conquistar o apoio de intelectuais e escritores para causa liberal, uma série de recursos foram disponibilizados, tais como a criação de cátedras de literatura e cultura latino-americanas em universidades norte-americanas, a publicação e tradução de obras para o inglês, a disponibilização de bolsas de estudo, entre outros incentivos. A maioria desses recursos vinham de instituições culturais criadas com o propósito de fortalecer os laços dos Estados Unidos com intelectuais e pesquisadores da região. Entre as instituições surgidas nesse contexto destacam-se o infame Congresso pela Liberdade Cultural, o CIAR (Centro de Relações Inter-Americanas), o ILARI (Latin American Institute of International Relations), entre

18 Em minha pesquisa, não cheguei a consultar o arquivo da Casa de Las Américas, mas tive acesso à correspondência entre membros da instituição e alguns dos críticos que investiguei.

outros. O que os intelectuais latino-americanos e mesmo os norte-americanos (em sua imensa maioria progressistas) contemplados por essas iniciativas desconheciam era que esses institutos recebiam recursos indiretos da CIA. Essa informação que veio à tona numa reportagem investigativa publicada pelo New York Times em 1968 gerou uma onda de reações nos setores intelectuais na América Latina e aumentou a suspeita de que os beneficiados estivessem em conluio com os interesses do imperialismo norte-americano. O resultado foi a perda de credibilidade de várias dessas instituições entre intelectuais e acadêmicos latino-americanos, alguns dos quais buscaram desvincular-se das mesmas.

Tornou-se claro, portanto, que, se por um lado, as instituições criadas na Guerra Fria tiveram suas origens associadas à batalha por hegemonia cultural, difusão da ideologia liberal e por um esforço de conter a energia criada pela Revolução Cubana, por outro, elas acabaram facilitando de diversas formas a agenda de integração cultural latino-americana. Apesar de ter sido um ideário associado predominantemente à esquerda, central para o projeto cubano para a região, a presença de alguns dos arquivos que investiguei nos Estados Unidos também demonstrava que a agenda integracionista não estava restrita à esquerda latino-americana. O latino-americanismo havia sido abraçado também por intelectuais simpáticos à agenda norte-americana, ou autodeclarados não-alinhados, como era o caso de Rodriguez Monegal, Haroldo de Campos e Octávio Paz, alguns dos quais haviam estabelecido carreiras em universidades americanas (caso de Monegal) ou atuado em algum momento de sua vida profissional nos Estados Unidos (caso de Campos e Paz).

É necessário chamar atenção para o fato de que a existência não só desses arquivos, mas de uma grande quantidade de materiais pertinentes à história latino-americana em instituições culturais e de ensino nos Estados Unidos, também remetem às relações entre memória e dominação cultural. O poder sobre o arquivo é também um exercício de poder sobre a memória cultural e sobre o conhecimento. Como coloca Jacques Le Goff: “O documento não é objetivo, matéria-prima inocente, mas expressa o poder da sociedade sobre o passado (ou presente), a memória e o futuro: o documento é o que resta”¹⁹. Ainda que grande parte dos documentos latino-americanos nos Estados Unidos tenham sido adquiridos de forma legal, através de doações ou compra, ou tenham surgido no contexto de deslocamento dos próprios biografados, sua localização dificulta o acesso por parte de pesquisadores e estudiosos latino-americanos que desejem estudá-los e, assim, reinseri-los não só nas narrativas

19 “The document is not objective, innocent raw material, but expresses past society’s power over Memory and over the future: the document is what remains”. GOFF, Jacques Le. *History and Memory*, 1992, p. xvii.

históricas da região, mas no contexto mesmo de produção de conhecimento regionais. Há aí, de certa forma, a perpetuação de um circuito de produção e circulação com o qual os próprios intelectuais que eu estudo tiveram uma relação dúbia: por um lado, questionando a hegemonia das instituições norte-americanas e, por outro, contribuindo com as mesmas através da doação ou venda de seus documentos e registros pessoais. Não há dúvidas de que, do ponto de vista desses autores, essa relação tenha sido de mútuo benefício desde seu momento primordial (pré-arquivo): os intelectuais latino-americanos também souberam instrumentalizar os incentivos à produção e troca intelectual oferecidas pelos Estados Unidos para se conectarem com seus pares e darem projeção mais ampla à produção literária e intelectual da região. Assim mesmo, se o arquivo é como propôs, Jacques Le Goff, “o que resta”, ou seja, o que se perpetua na memória e contribui para moldar não só o passado, mas também o presente e o futuro, nesse caso, nos restam também os vazios deixados por essas extrações, o que, em si, aponta para uma história do poder sobre e dos arquivos.

Diante do não-achado e dos limites do arquivo

A pesquisa em arquivos também é uma história das lacunas e do não-achado. Muitas vezes essas faltas condizem com os limites ditados pela própria estrutura em torno da qual um acervo se organiza. No caso da minha pesquisa, o arquivo que eu procurava não existia. Ao menos não de forma íntegra e delimitada. Em outras palavras, não havia um arquivo latino-americano como tal. O que existiam eram os fios dispersos de uma história que procurava montar: a história das relações entre brasileiros e hispano-americanos.

O fato dessa história encontrar-se dispersa em diversos arquivos não deveria ser uma surpresa, dada a matéria da investigação ser exatamente a criação de um espaço transnacional. Também deveriam ser esperadas as lacunas, os vazios criados pelos não-achados, tanto quanto as surpresas e distrações que resultam do encontro com materiais novos ou pouco conhecidos. No entanto, lacunas, supressões e surpresas interrompem ou modificam uma história que se esperava reescrever com a ajuda dos arquivos. Como observou a arquivista do Tate Museum, Sue Breakell:

Os arquivistas sabem que os pesquisadores não apenas vêm com ideias sobre o que esperam encontrar, mas também não podem aceitar que o que procuram não exista. Há uma expectativa de completude. Mas, tanto

v i s
d e l
e r a
r a
t r a
v e
i a

na realidade quanto na teoria, o arquivo por sua própria natureza é caracterizado por lacunas.²⁰

Em outras palavras, se os arquivos, como os historiadores contemporâneos vêm afirmando, estão longe de serem formas objetivas e transparentes de registro da história, mas, na verdade, decidem de acordo com interesses particulares de uma nação, instituição ou indivíduos quais documentos, personalidades e fios narrativos valem à pena salvar e como, tampouco os pesquisadores são personagens inocentes e desinteressados. A questão aqui é que uma pesquisa acadêmica em arquivos, mesmo em sua fase inicial, mesmo dependendo dos registros que ainda não são inteiramente conhecidos, é fincada em perguntas, premissas e uma expectativa por evidências. Pesquisadores trazem para o arquivo uma perspectiva própria, uma série de preceitos a começar pela própria escolha do tema que investigam, passando ainda pelo enquadramento, a abordagem e as informações já conhecidas. Sem dúvida que o confronto com a diversidade de informações originais pode levar uma pesquisa a tomar novos rumos e, até mesmo, ao abandono de uma suspeita inicial. Surpresas e desvios são elementos comuns da pesquisa em arquivos, os quais, como colocou Ferguson, “estão cheios de distrações, pois são sites que hospedam cadeias de significantes deslizantes que interrompem o olhar focado de um estudioso com a promessa de novas afiliações e percepções”²¹.

Mas o que dizer das faltas, supressões e lacunas que também são abundantes nos arquivos? Na minha própria pesquisa, mais que as surpresas foram as ausências que, causando frustração e atrasos, marcaram a minha experiência. Os documentos citados, mas não encontrados, as correspondências interrompidas, a falta de atas de congressos, referências a interlocuções ocorridas fora do universo impresso das cartas etc., são todos elementos que excedem o arquivo. O não-achado é, na minha opinião, um dos limites mais concretos da pesquisa arquivística. Eles determinam os momentos em que a conjectura substitui a evidência, impondo os limites entre o que pode ser dito e o que deve ser negociado. Lisa Stead, para quem os arquivos são estruturas intrinsecamente lacunares, vê nessas limitações uma abertura ao contínuo questionamento e reconstituição dessas fronteiras:

20 . “Archivists find that researchers not only come with ideas of what they hope to find but also cannot accept that it is not there. There is an expectation of completeness. But, in reality just as much as in theory, the archive by its very nature is characterized by gaps”. BREAKELL, Sue. “Perspectives: Negotiating the Archive”, 2008, s./p.

21 “Archives, consequently, are full of distractions. They are sites hosting chains of sliding signifiers that disrupt a scholar’s focused gaze with the promise of fresh new affiliations and insights.” FERGUSON, Kathy E. “Theorizing shiny things: archival labors”, 2008, n.p.

Arquivos são lugares de conhecimento incompletos, necessariamente fragmentários e mutáveis – sujeitos ao crescimento, mas também à diminuição e desconstrução (por danos, decadência, vedação, venda e perda). São lugares cujas fronteiras físicas e ideológicas estão sendo continuamente reconstituídas.²²

Essas lacunas também podem dizer muito sobre a própria política de um determinado arquivo, permitindo divisar aquilo que se decidiu documentar e preservar para o futuro, daquilo que foi ocultado, perdido ou simplesmente considerado como não merecedor de registro. Nesse sentido, os elementos faltantes podem ser fundamentais para compreender a história e os valores que informam a constituição do próprio arquivo. No caso da minha pesquisa, por exemplo, a escassez de vozes femininas nos arquivos que registram as interlocuções latino-americanas estabelecia uma limitação clara. Havia, como era de se supor, alguns sinais de que intelectuais brasileiras também haviam participado dessas redes, assumindo, em alguns casos, um papel de relevância. Tal foi o caso de Berta Ribeiro²³ em seu diálogo com Ángel Rama e de Nélide Piñon, que foi uma das poucas personalidades brasileiras a manter certa conexão com os autores do *Boom*. Entretanto, tornou-se evidente também a falta de arquivos dedicados às intelectuais latino-americanas quando comparado com os acervos biográficos dedicados aos seus pares masculinos²⁴. Com efeito, o problema da falta de protagonismo feminino no meio intelectual e literário havia marcado o próprio contexto do *Boom* latino-americano. Nélide Piñon chegou a manifestar sua preocupação sobre a ausência de escritoras e pensadoras nos círculos e meios de divulgação literários da época e fez esforços para mudar esse quadro. Ao assumir a posição de colaboradora da revista *Mundo Nuevo*, por exemplo, Piñon propôs em sua primeira pauta uma discussão sobre o papel da mulher nas letras brasileiras e convidou uma série de autoras para escreverem os artigos. O que o trabalho de Piñon e outras tantas que buscaram abrir espaço para o trabalho das escritoras num meio predominantemente masculino demonstram é que

22 “Archives are incomplete sites of knowledge, necessarily fragmentary and changeable - subject to growth but also to diminishment and deconstruction (through damage, decay, sealing, selling, and loss. They are sites whose physical and ideological boundaries are continually being reconstituted”. STEAD, Lisa. *The Boundaries of the Literary Archive: Reclamation and Representation*. Routledge, 2016, p.1.

23 A correspondência entre Berta, Darcy Ribeiro e Ángel Rama foi recentemente publicada em: COELHO, Haydeé Ribeiro; ROCCA, Pablo. *Diálogos latino-americanos: Correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. Global Editora, 2019.

24 Os arquivos de Nélide Piñon ainda não foram disponibilizados ao público. Curiosamente em entrevista ao programa Roda Viva em 2020, a autora aponta já haver sido sondada pela biblioteca da Princeton University sobre a aquisição de seus papéis. Apesar de Piñon não haver ainda se decidido sobre o futuro dos seus arquivos pessoais há, portanto, a chance de que estes sejam alocados em instituições estrangeiras. RODA VIVA. “Nélide Piñon”. 2 nov. 2020. <https://youtu.be/6TrlUXb0JPw>. Acesso em: 31 de jan. 2022.

a escassez de arquivos dedicados à elas decorre não tanto da ausência das mulheres no cenário intelectual, mas dos pontos cegos e dos apagamentos que guiam as políticas de memória e determinam a omissão ou a supressão de vozes marginalizadas.²⁵ É possível que o debate em torno da representatividade feminina que ganhou tração nos últimos anos se traduzam num maior esforço e atenção pela criação de mais arquivos que as incluam.

A pulsão de arquivo e a pulsão de pesquisa

De um modo geral, é possível afirmar que a supressão ou a escassez também sirvam de forças motrizes por trás da tão discutida pulsão de arquivo. As faltas, omissões, silêncios, ou, no caso da minha investigação, a dispersão de informações podem, na verdade, servir de estímulo à pesquisa, impulsionando a busca por elementos que permitam preencher essas lacunas, expandir os limites do foi arquivado. Nesse sentido, o ato de pesquisar em si pode ser considerado uma forma de memorialização, no sentido em que, assim como o arquivo (e obviamente todo arquivo se constrói também do trabalho prévio de investigação), a pesquisa também se baseia na coleta, seleção, organização e, posteriormente, na divulgação ou publicação dos achados e conclusões.

A pesquisa das relações entre hispano-americanos e brasileiros no campo cultural, que nas últimas décadas viveu uma explosão de interesse por parte de pesquisadores, é também marcada por um esforço de gerar um arquivo latino-americano, registrar instâncias de sua existência, dar-lhe vida no debate público. Assim como em meu livro, trabalhos, como *Mário de Andrade e a Argentina*, de Patrícia Artundo e *Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil*, de Pablo Rocca, partem da ideia (que eles buscam refutar) de uma lacuna no arquivo latino-americano relacionada à falta de interlocução entre a América Hispânica e o Brasil. Coletivamente, poder-se-ia argumentar, esses livros buscam dar nova forma à memória latino-americana, ao investigarem e reinsere-rem as histórias de interlocução no arquivo cultural da região. Essas pesquisas demonstram que o trabalho de arquivo envolve não apenas a interpretação de materiais, mas de conexão entre fios dispersos e outros faltosos de uma história. Trata-se, antes de tudo, de um processo de montagem em que um discurso se arma a partir de resquícios. E é no processo de armar, de dar nova vida a esses resquícios, que a pesquisa pode contribuir para gerar um novo arquivo, ainda que sua matéria encontre-se fisicamente dispersa em coleções diversas. Nesse sentido, a história que se vai tecendo não é simplesmente

25 Como as autoras de, *Contesting the archives*, apontam, a descoberta dessas exclusões por historiadoras contemporâneas serviu de impulso para o atual questionamento do entendimento do arquivo como instituições “objetivas, neutras e desinteressadas”. CHAUDHURI, Nupur; KATZ, Sherry J.; PERRY, Mary Elizabeth. *Contesting Archives: Finding Women in the Sources*. 2010. p. xiv.

resgatada, revelada pelos pesquisadores, mas, sim, remontada. Como coloca Manoff: “O que quer que o arquivo contenha já é uma reconstrução - um registro da história de uma perspectiva particular”²⁶. Isso implica que o trabalho de recolhimento, análise e conexão feito no momento da pesquisa em si, emula o processo pelo qual os próprios arquivos são criados, ao mesmo tempo em que buscam expandir suas fronteiras.

Os próprios intelectuais que eu estudava contribuíram, de diversos modos, para dar forma e circular um arquivo cultural transnacional. A coleção da Ayacucho, por exemplo, era um esforço de criar um arquivo vivo e regenerador da tradição latino-americana. O mesmo pode ser dito da revista *Mundo Nuevo* que buscava registrar, promover e legitimar um cânone latino-americano. Haroldo de Campos dá sua contribuição para o arquivo das relações latino-americanas através de *Transblanco*, o livro em que transcrevia o poema de Octávio Paz e no qual recolhe todas as cartas que trocou com o poeta mexicano durante o processo. Em todos esses projetos, um claro desejo de arquivo, ou mal de arquivo, se delineia. Esse desejo direcionava-se ao futuro e visava expandir o arquivo da produção literária latino-americana, dar a ver zonas de contato regionais e, ao final, reinserir esse arquivo na própria memória cultural da região.

Os rastros dessa história datada e localizada no contexto revolucionário dos anos 60/70 é o que os pesquisadores contemporâneos buscam atualizar em suas investigações e trabalhos. Uma pergunta que se impõe é o que o magnetismo provocado por aqueles projetos nos revela sobre o nosso momento atual? Na minha própria pesquisa eu estava buscando reconectar um arquivo que se encontrava disperso em vários outros: o arquivo latino-americano, que documentasse as práticas e ideias que serviram de base para a criação uma rede intelectual coletiva. Pessoalmente, eu buscava os antecedentes históricos e intelectuais de uma identidade, que no contexto norte-americano em que eu me encontrava (e onde encontrei parte dos arquivos) se impunha com a força de uma verdade estável, a-histórica, transparente, assumindo sentidos próprios àquele contexto. No entanto, o conceito de América Latina ao qual essa identidade remetia, havia sido antes de tudo um projeto inacabado, em constante reconstrução e desconstrução. O retorno dos pesquisadores contemporâneos àqueles projetos aponta, a meu ver, não exatamente (ou não somente) para os esforços de construir uma genealogia cultural, mas, de certa forma, para a perenidade do desejo por um arquivo transnacional latino-americano. Eu mesma me percebo, no percurso deste artigo, registrando o meu próprio impulso de arquivo e as variadas respostas e

26 “Whatever the archive contains is already a reconstruction—a recording of history from a particular perspective; it thus cannot provide transparent access to the events themselves”. MANOFF, Marlene. “Theories of the Archive from Across the Disciplines”, 2004 p. 14.

soluções que tanto os intelectuais que eu estudei, quanto os que viemos depois deles encontramos para criá-lo.

Referências Bibliográficas

ARTUNDO, Patricia. *Mário de Andrade e a Argentina: um país e sua produção cultural como espaço de reflexão*. São Paulo: EdUSP, 2004.

BREAKELL, Sue. “Perspectives: negotiating the archive”. *Tate Papers*. n.9, 2008. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/research/publications/tate-papers/09/perspectives-negotiating-the-archive>

Acesso em: 31 jan. 2022.

BURTON, Antoinette. “Introduction: Archive Fever, Archive Stories.” In: *Archive Stories: Facts, Fictions, and the Writing of History*, 1–24. Durhan & London: Duke University Press, 2005.

CHAUDHURI, Nupur; KATZ, Sherry J.; PERRY, Mary Elizabeth. *Contesting archives: finding women in the sources*. Champaign: University of Illinois Press, 2010.

COELHO, Haydée Ribeiro; VIEIRA, Elisa Amorim (org.). *Modos de arquivo: literatura, crítica, cultura*. Rio de Janeiro: Batel, 2018.

COELHO, Haydeé Ribeiro; ROCCA, Pablo (org.). *Diálogos latino-americanos: correspondência entre Ángel Rama, Berta e Darcy Ribeiro*. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.

COOK, Terry; SCHWARTZ, Joan M.. “Archives, Records, and Power: From (Postmodern) Theory to (Archival) Performance.” *Archival Science*. v. 2, n. 3, p. 171-185. Setembro 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/BF02435620>. Acesso em: 2 fev. 2022.

DERRIDA, Jacques. *Archive Fever: A Freudian impression*. Chicago: University of Chicago Press, 1996.

FERGUSON, Kathy E. “Theorizing shiny things: archival labors.” *Theory & Event*. v. 11, n. 4, n.p., 2008. Disponível em : muse.jhu.edu/article/257578. Acesso em: 2 fev. 2022.

FOSTER, Hal. "An Archival Impulse." *October*. v. 110, p. 3-22, 2004. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3397555>. Acesso em: 2 fev. 2022.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOFF, Jacques Le. *History and Memory*. Nova York: Columbia University Press, 1992.

GOMES, Anna Luiza Portugal Pereira, "O ensino de história da América Latina - Silêncio nos Currículos e Manuais". *Encontro Nacional: Perspectivas no Ensino de história*, ABEH (Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino da História), 17-20 nov., n.d., 2020. Disponível em: <https://www.perspectivas2020.abeh.org.br/>. Acesso em: 2 fev. 2022.

KAPLAN, Alice Yaeger. "Working in the Archives." *Yale French Studies*. n. 77, p. 103-106, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2930149>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MANOFF, Marlene. "Theories of the Archive from Across the Disciplines." *Portal: Libraries and the Academy*. v. 4, n. 1, p. 9-24, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/pla.2004.0015>. Acesso em: 2 fev. 2022.

MARQUES, Reinaldo. *Arquivos literários: teorias, histórias, desafios*. Editora UFMG, 2015.

ROCCA, Pablo. Ángel Rama, Emir Rodríguez Monegal y el Brasil: dos caras de un proyecto latinoamericano. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2006.

ROLNIK, Suely. "Furor de Arquivo". *Arte e Ensaios*. n.19, p. 195-209, 2009.

STEAD, Lisa. *The Boundaries of the Literary Archive: Reclamation and Representation*. Routledge, 2016.

Submissão: 18/08/2021

Aceite: 20/09/2021

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e8585830>

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.